

## XIX Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia

Nesta edição do concurso, em que definiu-se a divisão em três categorias – Infantil, Juvenil e Adulto – e não mais Geral e Monte Sião, tivemos um resultado bastante animador para a continuidade deste formato.

Na categoria Infantil recebemos 55 poesias, de 48 inscritos – sendo um participante residente no Canadá e uma de Portugal.

No Juvenil são 233 poesias de 145 inscritos, espalhados por 21 Estados e o Distrito Federal. Recebemos também uma inscrição de Portugal.

Os adultos são representados por 1567 autores – 2827

poesias. Poetas de todos os Estados e do Distrito Federal, e de 12 países – Alemanha, Angola, Bélgica, Canadá, EUA, França, Itália, Japão, Moçambique, Portugal Romênia e Uruguai. Portugal e Moçambique são os países com maior número de participantes – 38 e 11, respectivamente.

Os resultados – poesias classificadas – foram publicados na página da Fundação Cultural Pascoal Andreta no dia 20/06.

Confira no endereço <https://fundacaopascoalandreta.com.br/xix-concurso-de-poesias/>

### IVAN

Dia desses necessitei de algumas informações sobre as antigas bandas de coreto que alegraram Monte Sião até os anos 60. Não encontrei ninguém. A pessoa mais indicada, por causa da idade e facilidade de ser encontrada, era eu mesmo. Isso se chama velhice. Além de ficar constatada, provei-me estar na idade que criei para definir minha situação: a última idade. Nada de terceira ou melhor idade – é a última e ponto final. Mesmo velho lembrei-me perfeitamente de fatos preciosos sobre as bandas e de outros acontecimentos a partir de 1945 e que usei para registros no Museu local. Creio que essa memó-



ria faz parte dos privilégios que tenho recebido e fazem de mim idoso feliz e satisfeito com essa condição. Porque, como quase todo mundo, até aos cinquenta anos vivi para aquilo que queria: os filhos bem, a companheira ao lado, os familiares tranquilos, o fu-

turo acolhedor e manso. Hoje, vivo para o que não quero: perder alguém que amo, tornar-me um peso, pegar ranço e intolerância, ser triste e inconveniente e deixar escapular os motivos para conviver com pessoas e ser-lhes de utilidade. Tudo isso possuo em de-

corrência de uma promessa que meu avô me fez ao sentir que a morte o rondava. Meu avô foi um homem temido. Temido pela violência do seu temperamento, pela justiça que exigia sem complacência e pela injustiça que praticava e dissimulava, pelo abuso do

poder que a posição social lhe conferia e por não gostar de ninguém... a não ser de mim. Meu avô fez da minha infância uma festa constante; da minha adolescência, a autoconfiança que sempre me faltara; da mocidade, um elogio e, da idade adulta, um orgulho

mesmo desmerecido e que jamais escondeu. Raramente alguém teve ou demonstrou afeto por ele... menos eu. Foi, então, quando a morte o preveniu com seus miasmas, que ele me chamou: – Tive quinze filhos, mas só você é o meu filho. Quando eu não mais estiver aqui, minha sombra sempre estará ao seu lado”.

Acredito que nesta minha velhice a promessa do meu avô ainda vigora com intensidade sempre maior. Não sinto apenas sua sombra ao meu lado, mas dentro do meu ser, afastando todos os demônios que durante a vida ele mesmo criou e sabe, portanto, como afugentá-los de mim.

## A Última Chuva do Outono

### MARI FÁVERO

É noite de terça-feira. O clima está frio, o vento canta na janela e o som de uma das últimas chuvas do Outono embalam os pensamentos que dominam minha mente enquanto relembro o assunto da última aula do dia: Penso, logo existo do famoso filósofo Descartes.

Olho para o lado e vejo no tapete minha gata rodeando-se e preparando-se para embalar no aconchego de seus longos e sedosos pêlos o seu focinho molhado.

- Miau! - Desta vez ela está me olhando, com se pudesse ouvir meus pensamentos. Sinal que ela também pensa, não sei se além de comer, dormir, passear por aqui e ali, mas pensa.

Eu nunca fui de filosofar, ou

levantar grandes questionamentos à partir de pequenas ideias, mas aquela frase estava realmente pulsando de tal forma que chegava a me roubar o sono. Enquanto isso, o relógio impiedoso não perdoava em atrasar seu tic-tac para alongar a minha noite, mas muito pelo contrário, andava mais depressa. Sabe, um dia ouvi alguém dizer que mais vale um pássaro na mão do que dois voando, mas em dias de chuva, para onde vão os pássaros?

As horas avançavam e uma música do apartamento ao lado começa a invadir o meu silêncio particular roubando-me de meu próprio mundo e transportando-me para terras ainda pouco exploradas em meu próprio pensamento. Penso em muitas coisas no embalo daquela canção e os sentimentos começam a se

revelar quando permito-me fruir na melodia ao som de um bom e aveludado violino. O choro de suas cordas me revelam a angústia, a tristeza e ao mesmo tempo que despertam memórias de paixões ligeiras de minha infância. Enquanto toca o violino, o Sax se mostra potencialmente envolvente e as gotas de chuva na janela criam um ritmo agradável como um ótimo improviso de Jazz. Aah o Jazz. Ele me faz sentir como em “La La Land” - filme - e me faz querer dançar no meio da praça como se não houvesse plateia ou nada com que me preocupar.

De repente a música é interrompida por um choro de criança, um cão que ladra impacientemente também marca presença no quintal da casa ao lado.

Envolvida, completamente

entregue como me encontrava, toda a interrupção cria uma raiva que me faz odiar o cachorro e desejar levar a criança para longe, e aí entra mais uma emoção para ir dando corda ao meu estado de transe naquele momento.

Até aqui falei da melancolia que me preencheu, da solidão que estava sentindo, da felicidade trazida pela música e mais um turbilhão de pensamentos que como se já não bastassem, encontram seu fim na raiva que faz recomeçar o círculo vicioso dos pensamentos carregados de emoções. Acredito que as emoções são a maior força que nos move hoje. A necessidade de ser visto nas redes sociais, de se sentir notado, apreciado ou até idolatrado tem tomado conta da nossa realidade, hoje tecnológica, onde penso facilmente que

se Descartes vivesse em nossos dias, adaptaria sua frase para “Posto, logo existo”.

Novamente escuto minha gata, mas dessa vez a ronronar como se concordasse com tudo o que penso. Se para existir preciso pensar e para pensar preciso existir, então que eu exista primeiro dentro de mim mesma em minhas infinitas interfaces. Como já dizia Paulo Coelho “Descubra a sua própria luz ou passará o resto de sua vida sendo um reflexo de luzes alheias.”

Para distrair a mente que neste ponto já passou a se confundir, me levanto e vou até a cozinha procurar pelo melhor chá que tenho em meu armário. Nada melhor do que algo quente para aquecer aquela noite fria e me fazer relaxar novamente.

Assim se vai a última chuva

de outono, dando-nos a graça de sua presença e trazendo consigo o frio do impetuoso inverno.

Me despeço do dia perto das 3 (três) da madrugada que é quando o sono chega com força suficiente para me vencer. Por hoje deixo um relato que entendedores entenderão o que quero transmitir. Quanto aos que não entenderam, pense! Esta é a chave certa para abrir as portas que nos levam ao conhecimento absoluto.

Mais uma vez um Miau, dessa vez um pouco mais dolorido para Fumaça (minha gata persa cinza) pois sem querer pisei na ponta do seu rabo.

## Paradoxo

### JAIME GOTTARDELLO

O Problema do Mal na filosofia é frequentemente conhecido como o Trilema Epicurista. Apresentado por Epicuro, filósofo grego nascido em 341 a.C. O Problema do Mal basicamente argumenta que há evidências do mal e do sofrimento no mundo. Ou seja, o mal existe como entidade real. Sendo assim, para Epicuro, ou Deus

não nos ama e, portanto, não impede o mal, ou Deus não tem o poder de deter o mal e o sofrimento, ou Deus não existe.

Para as religiões abraâmicas, monoteístas – judaísmo, cristianismo e islamismo – Deus é onipotente, onisciente e onibenevolente. Para Epicuro, um deus assim não pode existir, seria um paradoxo. Porque o Mal existe por si só.

O trilema que o filósofo propôs pode então ser resumido desta forma:

Deus está disposto a prevenir o mal, mas não é capaz. Então não é onipotente. Deus é capaz de evitar o mal, mas não tem vontade de impedi-lo. Então não é onibenevolente. Deus é onipotente e onibenevolente, mas o mal existe. Então Ele não é onisciente porque não tem conhecimento do mal. Sendo as-

sim, então por que chamá-lo de Deus?

Santo Agostinho, um dos maiores filósofos e teólogos da Igreja, nascido no 4º século da era cristã, afirma que o Mal não existe como entidade real. Deste modo, procura derrubar o Paradoxo de Epicuro.

Para Santo Agostinho, algo era mau porque carecia de qualidades que permitissem ser considerado bom.

Ele chamou essa falta de “privação do bem”.

O abuso do livre arbítrio pelos homens, permitido por Deus, é o que faz a corrupção do Bem, ou sua privação. O próprio mal não é uma força moral existente - ao contrário, é uma corrupção da boa criação de Deus. Deus criou o universo ex nihilo (do nada) - e como Deus é bom, Ele não teria criado o mal diretamente.

Independentemente se epicurista ou agostiniano, nosso paradoxo moderno se impõe nestes tempos sombrios: se temos ciência e temos vacina então por que tanta gente ainda continua a morrer? É o Mal que existe e insiste em rir do mundo ou o mundo por livre escolha abandonou o Bem?

# O CONCURSO

## JOÃO GIBÃO

Contaram-me que foi assim, não sei se foi verdade e por isso mesmo vendo a mercadoria pelo mesmo preço que comprei, sem ganhar nem um tostão a mais.

Diz-se que era o mesmo tempo de agora, a mesma época, a época da colheita de café, tempo de uma correria dos diabos, um fuzê dos comos a procura de “apanhador”, sacaria, caminhão e camionete para o transporte, lavador, terreiro, secador e mais um punhado de coisas que completam a azáfama (êta nós sô!) que se denomina “colheita de café”.

Naquela época, o I.B.C (Instituto Brasileiro de Café)

promovia um concurso e dava prêmios aos melhores produtores da região; poderia participar todo produtor que quisesse, tanto o grande como o pequeno, afinal era um concurso de produção!

E então, mais ou menos nessa época, maio/junho, houve o concurso onde participaram os produtores de tudo quanto é canto, grandes e pequenos, ricos e pobres, cafeicultores que fazem a riqueza do nosso país.

Computados os dados, chegou-se aos vencedores, os quais foram convidados a participar da entrega de prêmios e ao jantar de confraternização.

Como o nosso país é um continente grande, o qual con-

grega pessoas de diferentes lugares, os quais embora falem a mesma língua, cada qual tem seu dialeto, seu modo de expressar, que deveria existir mais que uma língua para que nosso povo melhor se entendesse, se compreendesse.

E então, entre os vencedores do concurso, houve um deles que era um sujeito letrado, um nobre, pertencendo ao escol de sua região; ao mesmo tempo vencida o mesmo concurso um pobre coitado lá do fim do mundo, que por ser um excelente cafeicultor ali estava para receber o que lhe era de direito.

E fez-se a entrega dos prêmios, as homenagens, deu-se os parabéns a quem cabia e, terminada a cerimônia, par-

ticiparam todos ao jantar de confraternização. Todos bem ajambrados, ajeitados; o coitado lá do fim do mundo foi como pôde: termo de brim, camisa de manga comprida, mas sem gravata, pois não usava daquele trem e, botina rangideira, tudo que sua pobre situação pôde comprar. Já aquele do escol, da elite, foi como se vestia: tudo muito certo, na moda, do melhor, feito um lorde.

À mesa do jantar, quis o acaso que se sentasse ao lado do “botina rangideira”, o qual comprara até uma caixinha de madeira contendo rapé, na esperança que aquilo pudesse tornar sua pobre vestimenta em artigo de último furo.

Terminado o jantar, ele to-

mou coragem, enfiou a mão no bolso do paletó e tirou de lá a caixinha com rapé, o que fez com que ele se sentisse muito melhor em meio aquela gente estranha e cheia de riquefoque.

O lorde ao seu lado, sentindo-o como pinguim no deserto e querendo colocá-lo à vontade, sentindo-se bem naquele meio, tomou uma decisão que achou ser certa e disse-lhe: - “Permita Vossa Excelência introduza eu por um momento instantâneo, minhas delgadas e rubicundas pontas digitais em seu paulácio receptáculo tabaquício para auferir daí algumas partículas para nutrir a minha comalida pituitária?”

Aquela prosopopéia toda não foi entendida pelo coitado

e soou como um xingamento, e ele, já com a vó atrás do toco, bravo quiném cascavel enjaulada, não hesitou e respondeu: - “Vórta iscórno, estrófego dos demonhos! Ans fosse cortá as incorrupias das incrinilócas dos incrivados da vó! Féduputa! Mardio! Mar de Lazo!

Como nem um nem outro entendeu coisíssima nenhuma da prosa dita, ficaram inimigos; mas não chegaram a pegar nos tapas, foi só fogo de palha.

Por tudo isso e mais um pouco, é que nesse país havia que existir ao menos uma outra língua.

## De como surgiu a noite: Tupi-guarani

### ADAPTAÇÃO LIVRE DE JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

#### PARA EDNA GALBIATTI

Nheenheen!... No começo, o mundo era muito estranho de tão diferente. Imagine, não tinha bichos na terra, e as coisas falavam, noite também ainda não havia: só o clarão do sol. Por isso, para contar tudo direitinho, leva o dia todo e ainda não termina. Nheenga!...

E como veio a noite? Nossos antigos ensinam assim. Uma vez, no meio do mato virgem, quando tudo era ainda Pindorama, a jovem cunhã Araci, filha da poderosa Cobra Grande. Boiuna, saiu rastejando floresta afóra porque queria encontrar um curumim-guaçu: moço robusto em bronze. Veio serpenteando pela grande mata, até que o encontrou. Então, virou gente pra viver na rede com ele, o curumim-guaçu, por nome de Guaraci.

Naquele tempo, o mundo era de intenso clarão de Sol, porque a assombrosa Boiuna possuía a noite escondida lá embaixo das águas escuras. Pensou?! E essa estória aconteceu desse jeito que conto. Escute bem.

Guaraci deitado na rede. Clarão espalhado pela floresta. Ele quis dormir com sua cunhã, a bela Araci. Virou para seus três fiéis companheiros e disse:

– Vocês três, vão andando pelo mato adentro, bem longe, porque quero dormir com mi-

nha cunhã poranga, Araci.

Mas, Araci, filha da Cobra Grande, disse que não podia dormir, causa que era dia, de sol quarando tudo, e não noite escura.

– Mas não há noite por este lado do mundo, vamos dormir assim mesmo, no clarão desta luz. – Implorou, Guaraci.

O que Araci secundou, de pronto:

– Mas então, se deseja mesmo que eu durma, mande buscar a noite pra nós enredarmos sono no balanço desta rede. A Boiuna guarda a noite, lá na curva do Rio Grande. Aí, sim, com a noite, eu dormirei.

E deste jeito foi feito. Curumim-guaçu mandou seus três servidores buscar a noite, trazer para eles; que muito necessitavam. Foram. Chegando lá, Cobra Grande já esperava os três com a noite pega e presa num coco Tucumã. Foi quando lhes entregou e disse numa voz ecoante:

– Povo de longe! Aqui está a noite, dentro deste coco tucumã! Tome-o em suas mãos e leve-o aos meus parentes necessitados. Não abra, que é patuá, e tudo se perderá; e no mistério do escuro este mundo se tornará... perigoso!

Pegaram o caminho de volta pelo rio remando, remando por entre floresta fechada, sem nenhunzinho de bicho, que bicho ainda não tinha não... remando e cantando versinhos. Quando ouviram uns barulhinhos lá dentro do coco: – João-corta-pau!, cri-cri-cri, uou, uou!...

Deste jeito, vindo fundo tucu-

mã: – foi, foi, não foi!...

Bem assim que conto!... Estavam vindo navegando daquele jeito, por sobre a corrente do grande rio, remando as águas passando e deslizando a canoa à flor d’água mais e mais, num desenho sinuoso pela floresta... vai daí que um dos três, o curioso, disse que bem queria ver aquele barulhinho lá do fundo patuá:

– Não, não, temos de levar assim: patuá fechadinho, foi a Cobra Grande e recomendou. Mas muito, muito barulho vindo fundo em vozerio assaz e tenaz, tudo misturado: – mu-ru-cu-tu-tu, cri-cri-cri!, curi-angu!, sem-fim!...

Remando que remavam em chep, chep, chep dos remos n’água. E as tantas vezes clamando, chamando: – cri-cri-cri!, amanhã eu vou, um-um-um!..., de enfeitizar todos os três, quando o do meio, carregando o coco, gritou:

– Não aguento mais carregar este muito peso de barulho mandinga aqui dentro deste fundo patuá!... Vamos abrir!...

E bem no meio do grande rio: Paranã, em que a viagem remando ia, quando a canoa parou, boiando, remos presos, os três no centro, segurando o coco que pesava quilos de tanto...: – mu-ru-cu-tu-tu, um-um-um!, saacii!, uóó-hó-hó-hó...: Feitiços do Urutau! A grande mata circulando num rodopio estonteante: um, com ponto de fogo: Tata, tata, rrata: derreteram a cera breu do coco tucumã:

Eis que o escuro tomou conta: fez-se a NOITE!...

– Soltamos a noite!...

– Soltamos a noite!...

– Soltamos a noite!...

E o vozerio tomou conta: – João-corta-pau!, mu-ru-cu-tu-tu! , a-kauãã!..., uóó-hó-hó-hó...; peixe-frito!: foi, foi, não foi? Soltos, mata afóra!!

E lá de sua rede, a filha Boiuna já sabia que patuá estava aberto, que a noite estava solta e cheia do escuro e medo. Aí, Araci, sábia de seus poderes, disse a Guaraci:

– A noite foi solta, vamos esperar amanhã para dormir. Agora, tenho outros muitos quefazeres!

E tinha mesmo! Era muita confusão no céu, tudo misturado, era noite, era dia, no mesmo instante. Então, Araci se pôs a organizar tudo, deste modo que lhe conto, porque era filha Boiuna, meio feiticeira. Atenta e sábia, Araci percebia o mundo brotando vida em louca profusão: das folhas, voavam pássaros, borboletas. Das águas, peixes nadavam. Os galhos moviam-se em bichos. Um tronco seco levantou voo em Tuiuu, Tuiuu... Tuiuuu. Uma longa tora caída: ibira-puera fez-se em muitas cobras, jacarés. Um remador em sua canoa, boiando atônito, transformou-se em pato, assim: seu corpo, no bico do pato, a canoa, no corpo, os remos, nos pés. Dos bambus subindo em assovios saltitavam yaci, yaci-yaterê: Saci-Pererê. E Araci dava a cada um sua nova forma de forte vida. De um leño seco e muito retorcido, um Curupira pulou, tomou vida e recebeu a tarefa de proteger

todas essas castas de bichos e duendes.

Mas a noite foi andando pra frente, no céu, quando num repente a grande estrela branca, a estrela D’Alva veio nascendo, e Araci assim falou:

– Olhe, lá, Guaraci, a madrugada em clarão vem chegando e misturando claro e escuro. Vou dividir tudo certinho: dia e noite, cada qual na sua vez. E tirou um fio de seu cabelo, enrolou em suas mãos, soprou e ordenou, proferindo: – Serás o pássaro jacutinga, aquele que primeiro canta para o dia vir: anunciarás a luz. Pegou do chão terra branca: tinga, a tabatinga e pintou a cabeça da ave de branco, que nem a luz do dia, e proferiu novamente:

– Voe, serás, para sempre, o cantor que anuncia as manhãs.

E assim a jacutinga fez voo fofo pras árvores, e foi muito bom e bonito.

Novamente, Araci, meio feiticeira, a filha da assombrosa Boiuna retirou mais um fio do cabelo, voltou entre as mãos,

soprou e:

– Tu serás inhambu, nambu e cantarás às tardes...

O que inhambu respondeu: – Pri-pri-pri-priiiuu, priiiuu, priiiuuuuuuuu!...

Tomou da terra vermelha e cinzenta: piranga, do chão, tingiu suas penas na cor do crepúsculo e proferiu:

– Cantarás para o vermelhão das tardes e anunciarás, para sempre, a noite. Que assim seja!

Solto, o inhambu saiu rasteiro e anunciou canto:

– Pri-pri-pri-priiiuu, priiiuu, priiiuu!...

E Araci viu que tudo de criação era muito bonito e sagrado. Nheenheen!...

Bem desse jeito aconteceu. Nossos antigos contaram assim para ensinar, e eu agora tomo a contar, novamente, lição de ensinar, com urgência, para reorganizar estes tempos bravios e primitivos; de hoje. Na floresta, cada um tem sua existência de verdadeira serventia. Nada existe solitário, só por existir.

## EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 - )

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

**105**  
AUTO PEÇAS

**vivo**  
9 9852 5105

3465 3105 - 3465 5105

**MAZA**  
PNEUS

ALINHAMENTO E  
BALANCEAMENTO DE RODAS,  
ESCAPAMENTOS,  
AMORTECEDORES, BATERIAS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38  
(ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

**MECÂNICA NETOS**

nacionais e importados  
nacionais e importados

Fone:  
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136  
- Centro (Praíinha)  
Monte Sião - MG  
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar  
Engº Mecânico Automobilístico

**DELTA FOTO**  
PAPELARIA

Material Escolar e para Escritório  
Suplementos para Informática  
Cartuchos compatíveis e remanufaturados  
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA  
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

**OLIVEIRA**  
CASA DE CARNES

ÇA RENATO FRANCO  
BUENO, 80

TELEFONE:  
(35) 3465 1817

**SUPERMERCADO SHIMODA**

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300  
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175  
Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS

Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS

**DERBY**  
Textil

Av. Monte Sião, 925  
Bela Vista  
Águas de Lindoia/SP

Trabalhamos com  
remalhadeiras “Completo”  
novas e usadas

Agulhas e platinas  
para retílineas  
Agulhas e ponteiras  
para remalhadeiras  
Bobinas e seletores  
Óleo lubrificante  
Klimp para limpeza  
interna

(19) 3824.2499  
(35) 99138.0307

**DROGARIAS ULTRA**  
**POPULAR**

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro  
(em frente ao Itai)  
(35) 3465-1120 / 3465-5633  
Monte Sião/MG

Rua Argentina, 19 - Centro  
(no Baixo)  
(19) 3924-1196  
Águas de Lindoia/SP

**dynamise**

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao dynamise Farmácia de Manipulação dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

**RESTAURANTE**  
**DA LICINHA**

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.SiãO - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

# MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS Nº32

## ISMAEL RIELLI

Eu, neste assunto de esmola,  
Sem ambições me supinho:  
Estendo a minha sacola  
Peço um bocado de sonho.  
(Bastos Tigre)

## COMO O PORTUGUÊS É RICO!

- Não tem um gato pra puxar pelo rabo
- Gato escaldado tem medo de água fria
- Quem não tem cão, caça com gato
- Brigam que nem gato e cachorro
- Colher as castanhas quentes com a mão do gato
- Balaio de gatos
- Comprar gato por lebre
- Fôlego de gato
- Só batendo com gato morto, até ele miar.
- Tem gato na tuba
- Capar o gato (cair fora, escafeder-se, dar no pé)
- À noite todos os gatos são pardos
- Gato na Terra do Tamborim – título de um delicioso livro de crônicas, como todos, do compadre Lourenço Diaféria
- A Volta do Gato Preto – título do livro de Érico Verissimo
- Gato Preto em Campo de Neve – Livro do Érico
- O pulo do gato
- O Gato Que Ri – tradicional e famoso restaurante especializado em massas no Largo do Arouche em São Paulo. Será que ainda existe?
- Cão que late não morde
- Mais perdido do que cachorro que caiu da mudança
- Fidelidade canina
- Cave cane – latim – placa que algumas casas exibem, bem na entrada para alertar e para espantar

- ladrões. Cuidado cachorro (bravo)
- Entrada de leão, saída de cão
- Picar a mula
- Deu com os burros n'água
- Burro velho não pega marcha
- Burro de carga – camelo – nas costas de quem sobra tudo
- Cor de burro quando fogue
- Nem que a vaca tussa
- A vaca foi pro brejo
- Voltando à vaca fria
- A situação está tão grave que vaca não está reconhecendo o bezerro
- É um/uma
- Burro
- Anta
- Toupeira
- Marmota
- Águia – águia de Haia
- Carneirinho
- Touro
- Pavão
- Perua
- Raposa
- Raposa tomando conta do galinheiro
- Jararaca
- Surucucu
- Cascavel
- Lesma
- Uma mula
- Olho de linco
- Tubarão (nababo)
- Vaca
- Quem não chora, não mama
- Chora como bezerro desmamado
- Tem escorpião no bolso
- Conversa mole pra boi dormir
- Paciência bovina
- Pés de galinha
- Galinha que canta é dona dos ovos
- De grão em grão a galinha enche o papo
- Mais sujo do que pau de galinheiro
- Pagar o pato
- Macacos me mor-

- dam
- Cada macaco no seu galho
- Parece um macaco em casa de louça
- Macaco velho não mete a mão em combuca
- Macaco velho não pula em galho seco
- Deu zebra
- Caiu do cavalo
- De cavalo dado não se olha a idade
- Se o cavalo passar arreado, eu monto.
- A porca torce o rabo
- O olho do dono engorda a porcada
- Montou no porco
- A jurupoca vai piar
- Papagaio come o milho, periquito leva a fama.
- Mais vale um passarinho na mão do que dois voando
- Uma andorinha só não faz verão
- Urubu azarado pisa no rochedo e atola
- Urubu azarado de baixo defeca no de cima
- No bico do corvo
- Engolir sapo
- Sapo barbudo – Assim Brizola se referia a Lula.
- Político sagaz, Leonel foi governador de dois estados completamente díspares. Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Pragmático, Leonel de Moura Brizola, cunhado do Jango, sabia que, na política não se pode dividir; é preciso somar. Tanto assim que chegou a ser vice do Sapo Barbudo.
- Sapo não pula por boniteza; pula por precisão (Guimarães Rosa)
- Tem dente de coelho nessa história
- Cabrito bom não berbra
- Deu ou vai dar bode
- Bode na sala
- No auge do macarthismo, quando se via comunista em toda esquina, quando se propalava que comunista comia criança, dizia-se também que, chegando o comunismo,

you, (velis, nolis) querendo ou não tinha de acolher outra família – às vezes numerosa. – Aqueles poucos que ousavam reclamar, tinham que acolher, em casa, além de outra família, um bode fedorento. Depois de algum tempo retiravam o bode para alívio dos donos da casa, felizes e conformados com os novos companheiros.

O rapaz vai passar por uma cirurgia e o médico tenta tranquilizá-lo:

- Não tenha medo, companheiro. Sou muito experiente nessa área. Olhe bem pra minha barba e tenha confiança. Quando você voltar da anestesia, nós conversaremos.

Após a cirurgia, o rapaz abre os olhos e depara com uma enorme barba. Não se contendo de alegria, ele exclama:

- Obrigado, doutor! Eu sabia que podia confiar no senhor!
- Que doutor nada, homem! Eu sou São Pedro!

Imunidade de rebanho

Teoria maluca do genocida predador para combater a Covid, acolitado por um mais doido, mais negacionista do que ele (como se isso fosse possível) o tal de Osmar Terra, deputado gaúcho.

Tio Lourenço

Fico imaginando como foi, gostaria de ter assistido ao casamento de meu tio Lourenço Gotardelo com tia Silvia Canela

Ainda criança, Lourenço foi acometido por violência paralisia infantil (bendito Sabin!) e nuca mais andou. Rastejava.

Faltavam-lhe as pernas. Sobravam-lhe inteligência e ousadia. Foi professor exigente, competente e ousado. Foi vereador atuante. Foi um político polêmico e combativo. Era da UDN e combatia o PSD do cacique imbatível, Mario Zucato.

Inventou um carrinho,

uma espécie de bicicleta dupla com assento de tábuas, propulsionada com as mãos por um manche. Com ele percorria as ruas de sua Monte Sião.

Adaptou seu DKV dirigido só com as mãos, com acelerador, embreagem e breque; tudo no cano abaixo do volante.

É preciso tirar o chapéu pra tia Silvia, uma mulherona corada, avermelhada como os Canela, de riso franco e constante. Ria sempre no final de sua fala.

Casou com um paralítico. Como será que tio Lourenço entrou na igreja?

Que mulher corajosa! Como é forte o amor!

Tio Lourenço, uma época, mascateava roupa e, com seu escudeiro Lindolfo vinha, de charrete, vender fazendas e roupas feitas para sua irmã, minha mãe. Contava as últimas piadas, trazia notícias de Monte Sião e assegurava “dessa vez a UDN ganha”. E não ganhava. Perdia de novo.

Usava suspensórios e suas calças eram fechadas na barra. Não se viam suas pernas definhadas. Locomovia-se com as mãos espalmadas, mãos grandes que impulsioavam seu corpo um tanto avantajado. Aprendeu a andar com as mãos em pulinhos. Era muito inteligente, perseverante habilidoso. Tinha duas casas com quintais lindeiros. Uma na Rua do Mercado e outra na Juscelino.

Enjoado de perder eleições, mudou-se para Pedreira onde abriu um bar. Atendia no balcão com um banquinho alto de rodinhas. Era

um sobrado e ele morava em cima do bar. Inventou para subir e descer uma cadeirinha corrediça apoiada em vigotas semelhante àquela do advogado Charles Laughton do filme Testemunha de Acusação.

Lourenço e Silvia tiveram 2 casais de filhos. Iralcinda (Bela), Jesus, Ione e Ivã.

Bela, a única viva, mora no Rio. Casada com o grande centralfo Renato Jacomassi.

Jesus queria ser padre. Estudava num seminário em São Roque. Na flor da idade, teve um mal súbito e caiu na piscina. Não se sabe se morreu enfartado ou afogado.

O caminhoneiro Ivã, o caçula, teve um fim da vida semelhante à do pai. Por causa da diabetes teve ambas as duas pernas amputadas.

Ione casou com Marcilio em Pedreira.

Estão sepultados em Pedreira: Lourenço, Silvia, Ivã e Ione.

Compareceram ao sepultamento do Tio Lourenço o gentleman prefeito de Monte Sião, o historiador Lola, além de Higino Belix, prefeito de Pedreira.

Tio Lourenço, um grande homem!

Tia Silvia uma grande mulher!

Alma e corpo juntos vivem

E o porco vive na lama.

Porco é anagrama de corpo

E lama é de alma anagrama.

(Bastos Tigre)

Roma é ANAGRAMA de amor.

## Fragmentos

### ARIOVALDO GUIRELI

1. Você faz ideia de como será o mercado de trabalho daqui 30 anos? Todas as nossas escolhas serão resultados de cálculos engendrados através da Inteligência Artificial que “prepara” o campo de trabalho.

Atualmente a maioria da população sobrevive. Trabalha muito e ganha pouco. Trabalha-se mais com o corpo do que com a mente. Exerce-se uma atividade quase mecânica ameaçada de, em breve, ser ocupada por computadores e robôs.

Se não trabalhar não come! Por isso é obrigado a viver para trabalhar, quando deveria ter o

direito de trabalhar para viver.

Estamos (sobre)vivendo através da pandemia e sabemos que o recurso para não ser infectado, é o isolamento social. E lá vem o grito, que repercute: - Tenho que trabalhar! Não posso ficar em casa!

Saiba que todo o dinheiro que está com o governo é nosso. Nos pertence pelos impostos que pagamos. E que deveria garantir uma renda básica. E por que não cuidam?

(...)

2. Leia o texto abaixo com a sensibilidade de um menino.

José J. Veiga escritor goiano, no seu belo livro de contos – “Os Cavalinhos de Platiplano” – parte do texto “A inver-

nada do sossego” relata:

“Quando Abel chegou com outros homens, trazendo dois laços para arrastarem o cadáver, e um dos homens pisou com brutalidade na barriga do Balão, e uma gosma amarela esguichou da boca dele, nem eu nem o Benício não quisemos olhar mais. Voltamos calados para casa, cada um pensando suas lembranças, com medo de dizê-las ao outro e ouvir alguma coisa que confirmasse a morte de Balão. Por isso gostei quando lá muito adiante Benício chutou uma lobeira podre, fazendo espirrar semente para todo lado, e perguntou se eu não achava aquele cavalo que estava no açude podia não ser o Balão. Eu estava justamente

pensando como seria bom que fosse outro, e que o nosso Balão estivesse andando por bem longe, trocando pernas em galopes arrojados pelos campos, como gostava de fazer quando sentia cheiro de chuva. Não fazia mal que não voltasse nunca mais; quando chegasse lá em casa um viajante de longe podia contar que tinha visto um brabeza castanho de estrela branca na testa galopando pelo serrado; eu saberia que era o Balão mas não diria nada”

(...)

3. Leia: Baixo Esplendor- Companhia das Letras – de Marçal Aquino.

Abraços gerais!

## Casa colorida, cor de vida

### TADEU RODRIGUES

o começo daquela casa colorida.

nunca entregamos toda sorte ao trabalho dos homens.

ainda cedo acordamos e cuidamos do espelho até ele sorrir de volta.

em breve com sol dizendo que estamos indo embora.

e os fatos sobre o álbum no sofá, havia muito travava uma cena que não cabia

na tv ligada, porque som, silêncio, som, amor, som, silêncio.

quem sabe nos sapatos usados e na esfera brilhante dos seus olhos, da graça divina sem deus, que entra pela fresta da utopia e que entende a lua sobre os ombros da gente; da gente-noite, arquitetos de varandas, desenhistas de calçadas, construtores de muros pintados, de quem se suja com poemas concretos, de família que começa pelo avesso: pelo lado de dentro.

**COVID19**

**SIGA AS RECOMENDAÇÕES DAS AUTORIDADES DE SAÚDE**

**PREVINA-SE:**



**LIMPE**



**USE**



**DISTANCIE**



**HIGIENIZE**



**SEGURANÇA**  
**CATINI**  
**ELETRÔNICA**

Ligue:  
1193 3824-5421  
1193 3824-1094

➡ **Venda e instalação de Alarmes**

➡ **Monitorados e convencionais**

➡ **CFTV - Cerca Elétrica**

➡ **Locação de equipamentos**

**Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.**

**Solicite um Orçamento sem compromisso!**

Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas  
Águas de Lindóia - SP - [www.catinisegurancaeletronica.com.br](http://www.catinisegurancaeletronica.com.br)

# O GROTÃO

## ZUCA

O Grotão sempre será um lugar mágico da minha infância, o nome de um sítio que esteve ligado à história da minha família em alguns momentos, com memórias afetivas contadas em conversas sempre animadas, mas com um toque de coisa boa que não volta mais.

O nome de verdade deste sítio eu não lembro. Acho que era o nome de algum santo. Para mim terá sempre este nome misterioso, que a Geografia explica como uma grande Grotta, que por sua vez vem de Gruta que é uma pequena caverna, uma cavidade ou depressão que surge nas encostas rochosas de morros por força das águas das chuvas ou corredeiras de rios ou ainda por uma nascente em meio às rochas (Professor Cláudio Faraco, que me perdoe e corrija se estiver errado). Para este caso, o nome é do bairro rural de Monte Sião, e tem sua origem em uma formação de rochas onde brota água limpa e fresca, na encosta de um pequeno morro.

Das histórias que ouvi, esse sítio foi do meu Vô Zilim, que ali plantava café, algodão, tinha algumas vacas e porcos. Contavam que ele selava seu cavalo em um rancho nos fundos da casa dele, onde é a casa da minha mãe na Rua do Sapó, e rumava com seu fiel escudeiro João Barbosa (nosso eterno caçador de sacis) toda manhã até lá.

Também ouvi uma história de milagre. Em uma ocasião o Vô estava plantando algodão e pouco antes da colheita, misteriosamente a lavoura apareceu coberta de gafanhotos. Ele perderia tudo, mas a Vô Francisca chamou o padre Gustavo para ir lá dar uma olhada. O padre então benzeu três dos quatro cantos da área cercada e na mesma hora os bichos saíram voando pelo canto que ficou aberto. Salvo pela fé.

Alguns anos depois, meu Vô teve que vender o sítio, talvez para custear o tratamento do câncer que o levou de nós, talvez algo além disso, mas enfim vendeu. Só que o tio Airton conseguiu comprar de volta mais para o fim dos anos 1970 e é daí que tenho as minhas lembranças, as que eu vivi lá.

Noite de muita chuva e depois de passar o dia lá, vamos voltar para a cidade. Não devia ter outra opção, porque resolveram voltar pelo caminho que chegava no morrão do Chiquinho. Mas antes de descer, tinha que subir. Quem disse que os carros carregados subiam a estrada enlameada. A não ser um jipe, que não era o Manuel, mas era audaz. Acho que era o meu pai que estava com esse jipe, meio “bicudo” das pingas do dia, e junto com o tio Harry foi ajudando a puxar os carros do tio Agnaldo, do tio Hélio e os outros.

Acho que este dia do jipe, foi um domingo de fazer pamonhas (dá pra contar outra história também). Iam todos os tios e tias, os

primos, a Vô Francisca é claro, a dona Sueli irmã da tia Vera. Muita gente. Muita comida. Competia com o Natal em ocasião para juntar a maior quantidade de membros da família, aquela coisa bem italiana, quase mafiosa. Naquela época essas festas de família eram nossos maiores pontos de encontro, que foram perdendo espaço para os casamentos, que por sua vez hoje infelizmente perdem para os velórios. É verdade, tem muito primo que hoje em dia eu só encontro em velório.

Nessas festas e almoços lá, tinha muito arroz de forno, maioneira, frango e leitão assados, macarronada, molho à bolonhesa. Cada tia levava um prato especial e um complemento, que mesmo tendo sempre umas cem pessoas pra comer, sobrava para quem ficasse até o fim ainda jantar antes de ir embora. Também teve ocasião de churrasco no espeto de bambu e de feijoadas.

A mulherada ficava conversando enquanto preparava a mesa com as comidas e os homens jogando baralho num canto perto do curral. Pra ver como essas lembranças vão longe, ainda hoje quando ouço tocar os maiores sucessos daquela época, músicas de Bee Gees e Abba, vem imagens daquilo tudo.

Mas as férias são lembranças ainda melhores. Passamos lá uma semana de algumas férias de janeiro ou julho. A mamãe e a tia Hayde, com os filhos menores

sempre iam. A tia Vera, mesmo sendo a dona do sítio, nem sempre. E a tia Sônia também menos.

As maiores aventuras com os primos mais companheiros pra brincar e sonhar juntos, foram com o Guilherme da tia Hayde e a Daniela da tia Vera. Não existia diferença entre nós. Pouca diferença de idade e a mesma criatividade e coragem para enfrentar os desafios que a gente inventava. Chutar bola ao gol no terreiro de café ao lado da casa, brincar no cafézal ali perto, ir andar à tarde até o lago das tilápias “submarinas”, pular na sacaria de café nos silos. As brincadeiras de super-heróis, voar na rede da varanda, fazer piquenique, contar e ouvir histórias inventadas na hora de dormir.

Aliás, dormir lá já era uma aventura para nós crianças. Nosso quarto era voltado para a frente da casa. Os colchões eram de palha, pinicavam um pouco. Os travesseiros eram de paina, macios, bem recheados. Deitados nas camas à noite, víamos a luz acesa da varanda passando pelas frestas no forro de madeira, ouvíamos um pouco da conversa dos adultos e o rangido da rede lá fora. E ficávamos conversando sobre o perigo do Coelho Gigante e sua turma de alienígenas, que se escondiam na mata lá no alto do cafézal, como a Mônica e o Olavo tinham contato. O Murilo fazia a transição dos adolescentes para as crianças menores. Ele participava das armadilhas dos maiores para nos en-

ganar e nos divertir, mas garanto que tinha medo também.

Muitas vezes eles ficavam cochichando alguma coisa de propósito, para que a gente perguntasse e aí eles começavam a por medo, que tinham visto o Disco Voador do Coelho Gigante lá no alto do cafézal. Ficavam instigando para criar o maior clima e depois convidavam para irmos juntos até lá. Subíamos devagar por entre os pés de café, olhando para baixo pra não pisar em cobra e para cima procurando o Disco Voador. Um dos mais velhos se desgarrava do grupo e fazia algum barulho estranho ou jogava um galho ou qualquer outra coisa para cima, gritava de horror que os monstros estavam chegando, para que todos saíssem correndo. Todos desciam em disparada cafézal abaixo até a casa, ao maiores rindo, os menores assustados querendo ver o famoso coelho, mas sem querer ficar lá esperando para isso. Quantas vezes fizemos isso e sempre era bom, verdadeiro, feliz. E quando estavam outros primos, menos acostumados com essa bagunça, a emoção era maior porque eles tinham medo de verdade, não se divertiam com isso. O Charles da tia Sônia e a Fernanda da tia Marley, por exemplo, mal passavam da terceira rua de café.

Eu que sempre gostei de acordar cedo, gostava das manhãs de inverno com aquele frio bom que fazia em Monte Sião e levantava depressa olhando a neblina flu-

tuando como fantasmas rente ao pasto. Nossas mães preparavam uma caneca com uma colher de achocolatado e um pouquinho de conhaque para cada um (nada politicamente correto no mundo chato de hoje) e íamos tirar leite direto da teta da vaca lá no curral, para espumar nas canecas e esquentar o começo de dia.

Por falar em curral, uma vez, ainda bem pequeno e metido a toureiro, entrei no cercado onde estavam alguns bezerros. De galocha e short, tirei a camiseta e comecei a acenar para um deles. O bicho veio pra cima, sei lá se para brincar, mas me jogou com as costas na cerca de arame farpado. Lógico que comecei chorar e meu pai correu me tirar de lá. Lógico também que depois de ver que eu estava bem, ele me deu uma grande bronca pra não entrar mais lá sozinho.

Passamos alguns anos sem ir para lá, acho que porque o Carlito, que era sócio do tio Airton ficou morando na casa.

A última vez que fui para lá, já estava com uns 16 anos. Eu e o Charles pedimos para o tio emprestar o sítio, juntamos alguns amigos, fomos pescar uns lambarris no ribeirão da Mococa e depois fomos para lá fritar e tomar uma cervejada. Foi uma boa despedida! Acho que pouco tempo depois o tio Airton vendeu o Grotão e hoje ele é este conjunto de boas lembranças.

## A encarregada

### MATHEUS ZUCATO

A mão direita não mais tremia quando segurava o antigo microfone da igreja matriz da cidade. Fossem outros dias, o microfone sacudiria e os ouvintes de toda a pequena cidade ouviriam os chiados tremidos ocasionados pelo nervosismo da senhora encarregada de anunciar as notícias que, em todas comunicadas ocasiões, sacudiam a população cujas ocupações não eram numerosas.

Fez como o costume, para que todos pudessem ouvir bem: anunciou duas vezes, com a tradicional voz de microfone. Naquele dia, proferiu o falecimento de um senhor de oitenta e nove anos de idade. Disse que o velório estava marcado para às duas da tarde na casa da família do falecido, que o enterro sairia às seis até o pequeno cemitério no lado leste da cidade, e fez uma tradicional oração que indicava o fim do pronunciado. Saiu da pequena sala, atravessou a igreja, cumprimentando as pessoas que ali estavam — fosse para

rezar, fosse para combinar sobre a festa de Santo Antônio, que estava por vir, fosse para pedir à administração um pronunciamento municipal, etc. —, e foi embora.

Noutro dia, entrou no santuário, cumprimentou os coroinhas que aguardavam sua vez para confessar com o padre, foi até a pequena sala onde ficava o microfone e comunicou, com a usual repetição de palavras, que, devido à falta de chuva na região, a cidade ficaria sem água durante determinado tempo, e que a prefeitura e o padre contavam com a compreensão de toda a gente. Eis os afazeres tradicionais da encarregada municipal, a voz mais conhecida, mais temida, mais esperada e mais parafaseada da cidade.

Era a primeira semana de julho, as festas sumiram, a seca, porém, permanecera, e a senhora arrastava seus passinhos pela rua de paralelepípedos até a porta lateral da igreja de onde avisaria a todos que a escassez continuava a assolá-la e que novos cortes no fornecimento hídrico eram esperados. Pediria, novamente,

a compreensão e colaboração do povo. Pensou em como queria poder anunciar uma boa notícia, coisa que repetia com gosto quando terminava o primeiro anúncio, como por exemplo fizera com a Festa de Santo Antônio. A última notícia, entretanto, fora há uma semana, quando anunciara a morte de uma das mais antigas cidadãs dali, Dona Malva Antorini, falecida pacificamente aos cento e um anos de idade, uma figura digna da homenagem de vinte e quatro horas de luto oficial municipal. Ah, como queria poder passar por todas aquelas pessoas na igreja com um sorriso e correr para a salinha até soltar a voz nos alto-falantes com uma feliz novidade. Naquele dia, porém, era a iminente falta d'água.

Chegou à porta da igreja e percebeu, num espanto, a mesma ainda trancada. Ninguém lá dentro?, questionou-se. Tirou da antiga bolsinha um molho de chaves que normalmente não lembrava carregar. Destrancou a pesada porta de madeira maciça e a empurrou. Lá dentro, tudo se encontrava apagado, mas os

belos vitrais da igreja proporcionavam belas cores devido à luz solar que penetrava pelo lado oeste. Era uma visão magnífica, algo que talvez pudesse ser unicamente presenciado com a discrição de quem ali entrasse sem as obrigações sociais ou os olhares dos outros que normalmente vagavam por ali durante os dias.

Fechou a porta sem chave. Um leve sorriso de menina se fazia sem seu rosto, e ela vislumbrou tudo aquilo com um ar de posse. Sim, sentiu-se como quando os pais saíram de casa e a deixaram só pela primeira vez. Na ocasião, entrou no escritório do pai e, dentre os vários papéis espalhados pela mesa, encontrou algum aleatório, no qual desenhava um pequenino coração onde lia-se “assinatura”, logo acima do nome de seu pai. O pai descobrira e, na época, em sua incompreensão do mundo, a garota tivera certa dificuldade em entender que o que fizera, apesar de amável, não era correto. O pai a abraçara, como quem agradece flores recebidas. Como menina, sentiu que podia tudo, que descobria um local novo, uma nova igreja desabitada, um novo lar onde se sentia totalmente à vontade. Era a dona também, na casa de Deus.

Em seu orgulhoso egoísmo, questionava-se, alegre, o que podia fazer ali, onde ninguém a via. Ninguém saberia de nada. Se fantasmas habitassem aquela igreja, o que fariam? O que ela faria, se fosse um fantasma? Tinha de aproveitar aquela oportunidade exclusiva que se fizera diante de si. O que fazer, o que fazer? E se não fizesse nada, pois era, sabia, o mais certo a se fazer? Começou a caminhar até a salinha do microfone, ainda embebecida num mar de possibilidades sobre o que se podia fazer sozinha numa igreja vazia. Tirou do bolso o papelzinho com as palavras que seriam espalhadas ao vento, abriu a porta destrancada e congelou. Sabia o que faria!

Miúda como estava, ela sorria, os dentes amarelados demonstrando a ansiedade nua de pôr em prática seu plano de ousadia infantil. Em sua inquietação, tremia diante do microfone que produzia chiados nos alto-falantes postados do lado de fora, seus olhos febris não permitiam piscadelas. A senhorinha agarrou com tudo a oportunidade. Com os olhos vidrados na parede em sua frente, pronunciou, numa excitação sem tamanho, e apenas uma vez, a morte de Dona Malva Antorini, que então morreu duas vezes.

Depositou o microfone desligado na mesa e se precipitou à portinha atrás de si. Agachou-se, tirou sapatos e meias, sentiu o frio do chão e caminhou como quem anda sobre uma ponte de vidro até o centro do santuário. Sua culposa desconfiança se desmoronava ao passo que, maravilhada, a atrevida menina caminhava descalça pela casa de Deus. E se Deus estiver olhando?, pensou. Não teve medo: em sua fantasia graciosa, alterou os sentidos e ficou com a doce sensação de que receberia um abraço divino. Dançou, pulou e brincou como estivesse rejuvenescida, girou ao redor de si e sujou os pés com a poeira do chão gelado. Olhou para o teto, para o céu, esticou os braços em boas-vindas, andou pelas luzes coloridas e soltou um riso pueril que ecoou nas paredes do templo.

Retornando aos sapatos, calçou-os e caminhou até a porta da igreja como quem havia vivido uma aventura única o bastante para que o silêncio merecesse mais destaque que a publicidade. Trancou atrás de si a pesada porta de madeira maciça e foi embora com o sorriso singelo e ousado daqueles que possuem um segredo com Deus.

## Tempos em que até dizer “ADEUS!” é difícil. Adeus compadre Biaggio Bacarin...

### L.A. GENGHINI E E.B. GENGHINI

Tempos estranhos estes que nos impõem mudanças radicais de hábitos e de costumes. Estamos vivendo enclausurados, não vemos os amigos, não abraçamos os familiares, não damos boas-vindas aos nascidos e não nos despedimos adequadamente dos mortos. Fica tudo na boa intenção, quando muito no virtual das redes sociais. Choramos sós, lamentamos sozinhos e perdemos em grupo. A cada momento uma notícia de perda de pessoas que deixaram esta existência, alguns pelas causas de sempre e outros surpreendidos pelo vírus maledeto como diz o primo Romildo, lá da Ilha Bela, a quem a pandemia não me deixa visitar.

Assim acontecendo, já se foram pessoas a quem eu faria questão de render as últimas home-

nagens, mas que tivemos de nos contentar apenas com as nossas orações e nossos pesares à distância, do fundo de nosso isolamento.

Dia 06 de maio, ontem, despediu-se de nós, sendo levado por um infarto, o querido compadre Biaggio (Brás) Bacarin que ao partir deixou filha, filhos, genro, noras, netos e netas, afilhados e um tantão de amigos. Vai ao encontro da comadre Odete que também nos deixou no ano passado em plena pandemia. Eram meus compadres porque me concederam a honra de batizar o Marco Aurélio.

Compadre Brás era uma autoridade em cultura brasileira, especialmente musical, por ter trabalhado em gravadoras como a pioneira Cassio Muniz, depois a Chantecler, a Continental e, nos últimos tempos, como advogado consultor da Warner, a empresa multinacional que adquiriu os di-

reitos sobre o acervo musical da Continental e da Chantecler.

Foi produtor musical e, depois já maduro, nos anos 70 graduou-se em direito, tendo se tornado um advogado formidável, pois sempre trabalhou no intuito de promover a justiça, tendo conquistado o respeito e admiração das partes em todas as causas que patrocinou.

Estudioso, observador, detalhista e liberal em suas ideias, sempre acreditou no potencial das pessoas, ajudando-as e promovendo-as.

Como produtor musical nas gravadoras conviveu e orientou todo o cast da Chantecler e da Continental nas décadas de 60, 70 e 80, no mínimo. Passaram pelas suas mãos e pela sua caneta-tinteiros todas as duplas sertanejas da época, como Tonico e Tinoco, Zé Fortuna e Pitangueira e Zé do Fole, Pedro Bento e Zé da Estrada,

Tibaji e Miltinho, Miltinho Rodrigues, Ramoncito Gomes, Lourenço e Lourival, Tião Carreiro e Pardinho, Liu e Leo, Vieira e Vieirinha, Zico e Zeca, Teixeira, Biá e Dino Franco, Mococa e Paraíso e outros tantos, que viam suas obras melhoradas depois de conversas com o Bacarin. No início da década de 70, quando fui locutor nas rádio Difusora de Monte Sião e Cultura de Bueno Brandão, costumava ler os comentários nas contracapas dos discos enquanto tocava as músicas da programação e me deleitava com a lucidez, a clareza e sobriedade informativa dos textos assinados por Biaggio Bacarin e, às vezes, por Edna Barberato, a quem ele concedia a oportunidade de escrever os textos e depois, pacientemente, como um mestre socrático, revisava. Mais uma prova de seu desapego e crença no potencial do próximo.

Conversar com o compadre

Brás era como abrir uma enciclopédia viva. Sabia tudo sobre músicas: ano, autoria, interpretes, primeira gravação, quem fez sucesso, etc., etc.

Contava com muito carinho um episódio ocorrido durante a gravação da música Dominic (1969) pela cantora Giane (Dominic, versão do francês de Jeanine Deckers (1933-1985) e sua intervenção junto à orquestra para que introduzisse o contrabaixo em destaque no arranjo musical, dando o tom da melodia, aquele batido que “entra na cabeça da gente”! (O disco de Giane, a letra em português e francês, o disco em francês, estão disponíveis no youtube, basta uma consulta rápida para localizar e apreciar a raridade musical).

Numa de nossas idas a Monte Sião ele presenteou ao meu pai, Tião Genghini, com um raro exemplar da antiga Editora Me-

lodia que contém as letras das principais músicas gravadas por Tonico e Tinoco, a dupla preferida de meu pai e de meu tio João, que às vezes cantavam juntos, e muito bem!

Nos últimos anos estive em contato com o setor de pesquisas de arte popular da UNICAMP, para quem doou grande parte de seu acervo, uma coleção invejável e única.

Acho que o mundo caipira e sertanejo fica vazio com a sua ausência e fica a dever-lhe uma homenagem à altura, que lamentavelmente não ocorreu em vida.

Compadre Brás Bacarin, que os céus saibam reconhecer seu valor e o incumbam de iluminar novos talentos aqui na terra.

Vai em paz! Nossas eternas saudações pela honra de tê-lo conhecido e pela riqueza de nossa convivência.

# CATADOR DE LIXO

**JOSÉ ANTONIO ZECHIN**

A profissão mais simples do mundo talvez seja a de catador de lixo. Apesar de extremamente perigosa, devido aos riscos de ferimentos e contaminações, não exige nenhuma formação ou experiência. Basta sair pelas ruas e recolher aquilo que jogam fora. O que não serve para alguns, serve para muitos. São milhões espalhados pelo mundo. Quando mais organizados, juntam-se em cooperativas, com um pouco mais de dignidade e leis trabalhistas. Mas qual será o futuro deles?

Leio impactante artigo (de Ana Brambilla, Revista Oeste)

informando que em Oregon, EUA, já existe uma indústria com robôs separando lixo para reciclagem. Numa longa esteira, a engenhoca identifica e separa plástico, metal, vidro ou papel, colocando cada material em contêineres diferentes, com margem de erro próxima de zero. Mais rápido que o ser humano, 24 horas por dia, sem licença-saúde, férias ou greves. A automação do trabalho já é uma realidade irreversível e será cada vez mais ampliada pela denominada Inteligência Artificial. Cada vez mais rápida, desde aquela antiga Revolução Industrial, lembra? Então, a pergunta trágica: qual será o futuro do trabalho? O que será exigido

de um profissional nas próximas décadas, de um simples catador de lixo a um médico que realiza uma cirurgia cerebral?

Junta-se à gravidade desta transformação, as grandes mudanças demográficas no planeta Terra. Já somos quase oito bilhões de habitantes. Em cerca de trinta anos, só o continente africano atingirá a incrível marca de dois bilhões de habitantes, sendo que milhões já em completa penúria e desnutrição, faltando até água. A média é de 4,7 a 7 filhos por mulher. Este é apenas um exemplo. Outros países passarão por dificuldades semelhantes. Estudos comprovam que “uma população faminta, analfabeta e doente enfraquece o Estado e

a economia”. O que poderá ser feito com o aumento da miséria? Como conciliar o descontrolado crescimento populacional com a diminuição do mercado laboral? Como os mais pobres irão sobreviver? Como controlar os movimentos migratórios em busca de oportunidades de uma vida melhor? Como será o mundo daqueles sem acesso à educação? Será possível distribuir peixe a todos aqueles que não sabem pescar? O que farão os catadores de lixo?

Além de rezar, você tem alguma sugestão?

## Resumo da viagem até o Chuí, extremo sul do Brasil – 1ª Parte

**J. CLAUDIO FARACO**

Na madrugada de 20 de Maio de 2021, Nivaldo Colzato e seu irmão Carlinhos, mais José Ayrton Labegalini e eu, iniciamos uma grande viagem pelo sul do Brasil, até o Chuí, extremo meridional do nosso país na fronteira com o Uruguai.

Primeiro destino: Lages>São Joaquim, ambas em Santa Catarina, a 950 km, por onde apenas passamos pela primeira cidade e rumamos para São Joaquim, 80 km além pela rodovia SC-114, conhecida como “Caminhos da Neve”, cidade esta situada a 1.364 metros de altitude e considerada a mais fria do Brasil. A distância de 1.030 km desde Monte Sião, foi absolutamente tranquila. Em São Joaquim, após uma rodada pela cidade, demos preferência para o sugestivo Hotel Pousada da Neve. Após o banho, o proprietário indicou-nos o Restaurante Rota 49, com ótima comida e hospitalidade.

Segundo dia e destino: São Joaquim>São José dos Ausentes, esta já no Rio Grande do Sul. A cidade, a uma altitude de 1.200 metros também é uma das mais frias da Região Sul e acessível apenas por 75 km em rodovias de terra. Quanto às condições climáticas, encontramos chuva pelo caminho, mas nosso maior incômodo, até então, deu-se com o danado do vento Mínuano — característico da Região Sul —, e gelado como um bloco de iceberg. É um vento seco, contínuo e frio de origem polar e que adquire mais força e rispidez ao transpor

a Cordilheira dos Andes, na qual acaba por reforçar sua gélida condição. Sopra fortemente varrendo as coxilhas — pequenas elevações dos pampas, separadas uma das outras por extensas pastagens —, congelando os ossos, pois praticamente não há recurso contra ele. Implacável, atinge também os estados do Paraná e de Santa Catarina.

O município de São José dos Ausentes, cujo nome diferenciado refere-se em uma das versões, exatamente a de que poucas pessoas permaneciam morando neste local por muito tempo devido às péssimas condições climáticas. O frio era tanto que a cidade frequentemente tinha seu povo ausente. E, São José, pelo padroeiro do lugar. O gentilício de quem aí nasce é Ausentino. Ainda rumo a São José, chegamos a um cruzamento e, pasmem, havia duas placas sobrepostas em forma de setas, uma indicando para a direita e outra para a esquerda!(!?). E, vejam mais essa: ambas pintadas de branco e sem uma única palavra informativa! Pode isso?! Ainda rindo com tanto descaço, fomos salvos pelos GPS dos celulares de Nivaldo e José Ayrton, pois ambos resolveram nossas dúvidas e, assim, continuamos nossa jornada pelas serras do sul, agora em direção à Cambará do Sul. José Ayrton e Nivaldo, ambos com seus celulares atentos, proporcionavam a segurança necessária por uma rodovia sem placas indicativas, poucas vilas e raras habitações engolidas pela beleza e gigantismo das araucárias rivalizando com as extensas plantações

de macieiras. Paramos diversas vezes para que o amigo Carlinhos pudesse fotografar raros pássaros de magníficas plumagens.

E assim, às 12:55 do dia 21 de Maio, chegamos ao povoado Silveira, que é um Distrito de São José dos Ausentes, onde aportamos num bonito e amplo local com o inspirador nome de Restaurante Altos da Serra. Ao entrar, perguntei à moça que se movimentava através das mesas se ainda serviam almoço. Resposta positiva, fizemos os pedidos juntamente com algumas jarras de vinho caseiro, ao preço de 22 reais cada. Comida à La Minuta, ou seja, almoço bem farto, sabroso e variado. Teria sido perfeito, mas, infelizmente a carne foi o único item que ficou a desejar. Conta total: R\$ 158,00 – ou R\$ 39,50 cada.

Depois seguimos viagem e, exatamente às 15:19:38, fiz a primeira foto de São José dos Ausentes. O frio imperava soberano e o minuano rugia pelas ruas quase desertas quando realizamos um giro pela cidade. O GPS indicou-nos a Pousada Altos da Serra para onde fomos a seguir e, após o banho, tentamos um contato no Centro de Atendimento aos Turistas, mas já não havia mais ninguém na recepção. Na manhã seguinte, recebemos um bom café servido no próprio quarto e, com as sobras, saciamos a fome de um amigável cãozinho que ali apareceu. Foi muito gratificante vê-lo todo feliz, constatação segura indicada pelo movimento incessante de seu rabo que mais parecia um limpador de para-brisa.

São José dos Ausentes>Cambará do Sul = Estrada novamente, 12 km em asfalto e mais 47 por terra, cujo trajeto seguia mais ou menos paralelo ao estado de Santa Catarina à nossa esquerda. Os GPS de José Ayrton e Nivaldo voltam à ação para se evitar tropeços e caminhos perdidos. Após o pequeno trecho de asfalto, retorna o trajeto em terra pelo costado da serra com ela à nossa direita e, à esquerda, um abismo aterrador possível entrever por entre a densa vegetação. Trecho que exigia muita atenção, pois a espessa neblina insistia com sua presença, mas Carlinhos ao volante transmitia muita calma e segurança. O declive é longo, perigoso, porém belíssimo e, por isso, paramos diversas vezes para apreciar melhor a paisagem, uma vez que a neblina ia ficando menos densa à medida que nos aproximávamos do fundo do vale. Assim, foi possível observarmos uma bela cascata que despencava do alto do paredão e desaparecia na floresta abaixo. Horas mais tarde, uma placa anunciando a vilazinha Osvaldo Kroeff. Mais 23 km e, finalmente, Cambará do Sul, na qual chegamos exatamente às 17:08:12., acompanhados pela trajetória do sol em franco declínio, deixando registros de sua passagem no horizonte oeste revelando pinceladas de uma colorida aquarela amarelo-avermelhada: em outras palavras, um magnífico crepúsculo! (Fim da primeira parte).

A segunda parte da viagem estará presente no próximo número do Jornal.

## O canto da Poesia



### Resgate

Há tempos que resgato meu resgate

ao preço de uma conta de viver

Um pouco vai pra conta das lembranças

Tudo paga saudades e bem-querer

**Eraldo Monteiro**

### Lobisomem

Eugênio era pequeno sobancelhas espessas e passava pela cidade vendendo ovos num cesto

um ser disforme de aparência mas gentil de tolerâncias

Porém ficou velho maltrapilho trôpego prenunciando demência

então a cidade passou a evita-lo e lhe maldizer a presença

Agora lhe viam pela aparência não mais um homem mas um horrendo lobisomem

E pessoas coléricas um dia lhe deram tapas na enrugada bochecha e Eugênio chorou

como choraram seus negros esbugalhados e meigos olhos

O lobisomem chorou pela primeira vez na vida um colar de brilhantes lágrimas pequeninas e coloridas

**J. Carlos Grossi**

### Noel e a CPI

Um presidente apavorado que vivia só blefando Por causa de uma Cloroquina Acabou dançando, acabou dançando...

**B. O. B.**

### ZEZA AMARAL CRONISTA APOSENTADO

Lemos com tristeza no Jornal Monte Sião Que o cronista Zeza Amaral está aposentado Não teremos e leremos mais então O que ele escrevia como se fosse uma missão

Que pena não podermos mais ter aquela leitura Quando escrevia com a pena e o coração Contava fatos com muita desenvoltura Ou narrava como uma verdadeira ficção

Gostaríamos de ter a verve que ele possui Deslizando sobre o papel a pena com brilhantismo E em cada linha e cada parágrafo evoluiu Seja uma crônica ou um conto de muito romantismo

Narrava com muita firmeza e precisão Como se a gente tivesse participando Não importava de qual fosse sua intenção Tudo em suas linhas estava cativando

Em sua última crônica Triste Prosa de Mato Ele narra Nate King Cole e Luiz Ceará Narra Elza Soares uma cantora de fato Que tanta falta ao nosso jornal fará

Disse que solidão é coisa de resposta é para profissional Diz que fica no mato com a solidão ao seu lado Para ele o violão não é apenas ocasional Mas em seu peito sempre foi um aliado

Solidão é o mesmo quando o catador volta ao seu barraco Volta sorridente ao colo da companheira Mesmo que o dia de catança tenha sido muito fraco Sendo que até mesmo pouco fez revirando lixeiras

Zeza Amaral que sua aposentadoria seja muito breve E assim teremos suas crônicas novamente neste jornal Pois somente mesmo quem com o coração escreve É que pode escrever e medir o que vai de emocional

**Arlindo Bellini**

(Linhas extraídas do Jornal Monte Sião, edição 584, fevereiro de 2021 Iendi a crônica “Triste prosa de mato”, do cronista Zeza Amaral e também no número 585, quando é anunciada sua aposentadoria e assim deixando de enviar seus escritos. Uma pena

## Motivo é o que nos move para frente

**MARCELO FERRARI**

Certa vez um homem pensava em desbravar o mundo desconhecido.

Adquiriu um destemido e forte cavalo - Aquele, semelhante ao Cavalo de Fogo da princesa Sara do longínquo reino de Dar-Shan. Selou-o com uma macia sela e o calçou com quatro poderosas ferraduras, afinal iria transitar por estradas irregulares e incôgnitas.

Além disso, sabendo do risco da façanha, se envolveu dentro de uma intransponível armadura a qual o protegeria do mais curto fio de cabelo da nuca às unhas dos dedos dos pés. Um verdadeiro guerreiro capaz de deixar até são Jorge envergonhado. Ainda, insatisfeito e inseguro, confiscou-se de uma longa e reluzente espada, cuja imagem causaria pavor em qualquer valente soldado medieval. Uma legião de um homem só.

Pronto! Agora sim, pensou. Vou em frente. Todavia, para seu espanto, não saiu do lugar. Como pode! Nada aconteceu! Refletiu por alguns instantes e concluiu. – Tenho tudo do que preciso, entretanto, falta-me um motivo e,

sem o qual, o primeiro obstáculo me porá por terra e me fará retroceder. Que falta de juízo de minha parte, disse.

O lendário homem bisbilhotou dentro de seu cantinho reservado e, após idas e vindas, encontrou a chave que abriria seu abarrotado e valioso cofre interior: Dulceina del Toboso. A mais linda senhora de toda a Espanha.

Agora, sim, tinha motivo para seguir em frente. Se encontrasse alguém que não reconhecesse Dulceina como princesa iria sentir a fúria de um guerreiro (Trecho adaptado do Livro Dom Quixote, de Miguel de Cervantes).

Pois bem. Sem motivo nos tornamos semelhante a um galho separado do tronco. Existe, mas quase inútil. Sorte que ainda tem o “quase”.

Veja só, embora tivéssemos ao nosso alcance todos os bens materiais para executar uma meta, sem um motivo ardente, não passaríamos das primeiras curvas. Uma meditação a fazer, afinal a vida está repleta delas.

Em meu cotidiano, em maior porcentagem, deparo-me com um vivente, cujo comportamento me

assusta. Começo a dialogar com ele e, de repente, do nada, sem barulho algum, como que fazendo aparecer um coelho da cartola, retira de qualquer buraco de seus panos um objeto retangular e diz: “alô”, ou, hodiernamente, “começa a digitar” e sai andando - E eu crendo que o filhote de homem estivesse dando atenção a nossa conversa. Que coisa, né! Fiquei a ver navio!

Tal qual um celular, o motivo vibra e se não o atende, vibra de novo. Se não vibrar será apenas desejo. E desejo é efêmero. Para haver motivo é preciso que haja vibração contínua interior.

O dispositivo móvel quando vibra só sente quem está de posse dele. Assim é o motivo. Habita dentro de nós e se manifesta quando encontra uma, ainda que minúscula, fenda na alma.

Recentemente fizemos um desafio em casa (Moro com minha esposa, Rosângela, e com nosso filho, João Paulo. Filho único. Contudo, nossa morada sempre conta com vários coleguinhos de escola. Todos de mesma média de idade). A intenção era subir até o ponto mais alto do telhado – a

altura fica a cargo de cada leitor imaginar. Desafio e tanto. Não foram poucas as tentativas, porquanto o medo o superava em todos os sentidos, tais como: cair; as telhas quebrarem; não conseguir descer; a altura; o vento; ralar as pernas, ainda que estivessem todos com calçados, bonés, água, dentre outros apetrechos.

Era para serem, os desbravadores, vencidos pelo temor de querer agir sem motivo. Até que uma voz ecoou de mansinho nos ouvidos de cada um. “quem conseguir subir encontrará pizzas e refrigerantes à vontade e poderá ver o que tem no sótão”.

O ponto mais alto do telhado foi, não sem esforço, alcançado.

Claro, essas são apenas situações triviais do cotidiano. Mas a mensagem vale para todas as circunstâncias pelas quais deparamos, quer sejam nos dias ou nas noites, nos frios ou nos calores, nas infâncias ou nas maioridades.

O motivo é que nos move para frente. Todavia, fique atento, observe bem o vocábulo no final da frase anterior.

# Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Junho de 2021

Nº 588

# ÚLTIMOTREM

## ANIVERSARIANTES DO MÊS

### JULHO DE 2021

Dia 1 João Mariano Martins Nádia V. de Queirós Ismael Samuel dos Santos Claudiméia Schiavon Teles Cristiano Corsi Júlia Silvério Labegalini Dia 02 Ana Maria F. Righetto Júlia Labegalini Nicoli, Jundiaí/SP Benedito Ap. da Silva Dia 03 Soraya Bernardi Beatriz Glória Comune Rafael Roberto G. de Faria Mário Roberto Vilas Boas Dia 04 Eduardo Labegalini Aparecido Costa Neliton Labegalini, Maringá/PR Dia 05 Eder Zucato Gustavo Righeti Aparecido Gomes Filho Dia 06 Luciana Ferreira Godói Ariadna L. de Oliveira Ivone T. Comune da Costa Antonio José de Paula Dia 07 José Raimundo Fernandes Josmar Beltrami, SP/SP Márcio Antonio Diniz Marina de Fátima B. Virgílio Viviane Guiraldelo Dia 08 Inês Machado Fávero Francisco Carlos de Faria Maurício G. da Silva Dia 10 Isabel Cristina Pennacchi Cynthia Labegalini, SP/SP Ronaldo S. Virgílio Jr. Fernando Costa Trindade Danilo Labegalini Clayton D. Gâmbaro Dia 11 Alexandre R. de Oliveira Leandro Righeti S. Bueno Antonio C. Pennacchi Tiago Caroli Mariana Bernardi José Roberto Pereira Oscar Felipe B. Milan Dia 12 Benedita da Silva Zucato Rildo Gomes da Silva Dia 13 Carlos Henrique de Souza Marcos Volpini, SP/SP Meire Márcia Marcellino Dia 14 Pierre de Lima Maria Ap. Coutinho Souza Henrique Souza Bueno Marcos Antonio Milan Roberto Wagner S. Fonseca Paulo H. O. Azevedo Maria José dos Santos Mayla Silveira Rosa H.B. Valdissera Santos Dia 15 Mágilla da Silva Rodrigues Juliana R. Ferreira Nadini Naguisa de Azevedo Ramon de Castro P. Silva	Dia 16 Patricia Labegalini De Nez Marumbi/PR Camila Fernandes Lopes Lucila do Carmo Santos Paula Rossi de Oliveira Dia 16 Maria do Carmo Renção, São Paulo/SP Dia 17 Júlio César Duarte Paulo Henrique Machado Ygor Tadeu Comune Danilo Henrique de Souza Dia 18 Nilson P. Gonçalves Dia 19 Paula M. Guarini Corrêa Sebastião P. Vitoriano Eliana Maria Zucato Maria Carolina Bernardi, Valinhos/SP Carolina de Castro Gonçalves Bruna Trindade Diniz Luís Henrique N. Zucato Dia 20 Larissa M. de Oliveira Luana S. Andreta, SP/SP Célia Luiza G. Penachi Dia 21 Ana Cláudia S. de Christo Jair Francisco Ruiz Jr. Brenda Lindsey Fávero Dia 22 Sérgio Ricardo Righeti Fátima Faraco Rafael Penachi Augusto César Botareli Saulo Luis Genghini Dia 23 Manuela Z. Mantovani José Luiz dos Santos Dia 24 Edina Maria Diniz, Mogi Guaçu/SP Mário Lúcio G. Oliveira Dia 25 Suely Barbosa Virgílio Cláudia A. Benatti Paula Daniela Silva Antonieta Canela Caroli Dia 26 Analu Armelin Pitelli Luiza Ferraz Regina Martins Dia 27 Pedro Castro Ribeiro Neto Jussara Laira Grossi Luiz Felipe Fabri Flávia Dias e Silva Regiane Vieira Toledo Márcia Zucato Dia 28 Gilberto A. Otaviano Humberto Guireli, SP/SP Dia 29 Cardini Tavares Odininio Dia 30 Pedro Mariano Martins Antonio Martins Andreta Gisleine Lopes Vitor Monteiro Guinesi Dia 31 Murilo Dias Hercília Ruiz dos Santos Mônica de Fátima T. Silva Maria das Graças Barros Murilo Dias Fernandes Maria de Fátima Tavares Silva Regina Alves Martins
--	--

A todos, as felicitações da Redação!

## HOMENAGEM

“A alegria de fazer o bem é a única felicidade verdadeira” (Leon Tolstói). Com esta bellissima frase, presto minha homenagem ao amigo Ivan Mariano Silva, partiu deixando enorme vazio. Jamais deixei de acompanhar o Jornal de minha terra Monte Sião, a fim de saborear as palavras de suas crônicas. Tenho absoluta certeza que nas palavras deixadas neste Jornal, fez feliz inúmeras pessoas, em sua trajetória de vida. Brilhante, como escritor, com Gente, como ao deslizar seu violão, alegrou nossos corações.

Sua amiga Dione.

Email recebido em 03/03/2021, que, por um erro, deixamos de publicar anteriormente. Agradecemos a Dione pelas palavras de carinho com o nosso saudoso “seu” Ivan

-x-x-x-x-x-

## Pandemia na Itália Leticia Bernardi

“Quando la paura di morire ci impedisce di vivere”

Esta semana o CTS (Comitato Tecnico Scientifico) determinou a suspensão do uso da vacina AstraZeneca para pessoas com idade abaixo de 60 anos, depois que uma jovem de 18 anos - Ca-

milla Canepa - sofreu uma trombose e veio a óbito. Infelizmente, ela tinha uma doença séria precedente, mas até que tudo seja esclarecido, todos aqueles que tomaram a 1ª dose do mesmo medicamento (incluindo EU), terão que submeter-se a exames específicos para entender se a produção de anticorpos está ok.

O governo acabou de decretar, baseado em dados científicos, que a Itália passou a ser “Zona Bianca”, exceto Valle d’Aosta, à partir de 14 de junho. Em todo caso, não teremos sossego até que este inimigo invisível não seja derrotado. Somente quando todos tivermos sido vacinados e atingirmos o “nirvana” sanitário, ou seja a tão desejada Immunità di gregge, só então será possível respirar um pouco de ar puro...

Enfim, desde março 2020, vivemos este pesadelo e tantas incertezas no tratamento e nas sucessivas regras do Protocolo Sanitário e a cada momento surgem novas necessidades estratégicas em combater este vírus e suas mutações. Enquanto isso, os políticos e cientistas e até jornalistas se empenham abrindo discussões em torno do assunto, tentando esclarecer à população que os riscos das vacinas são insignificantes em relação aos benefícios deste medicamento de massa tão precioso. Quando o primeiro Ministro Giuseppe Conte disse: “A vacinação NÃO é obri-

gatória, mas sim deve acontecer de forma voluntária e espontânea”, ele apostava no bom senso e responsabilidade civil, infelizmente, o “achismo” tem falado mais alto e freado a nossa “liberdade”.

Uma outra novidade por aqui é o “Open day” da vacina, ou seja, nos finais de semana as pessoas adultas podem se vacinar sem ter agendamento. Basta se dirigir ao Centro de Vacinação (Hub) mais próximo com um documento válido. Até agora, a imunização completa – 1ª e 2ª dose – atingiu o patamar de 23%. Abbracci

-x-x-x-x-x-

## NO AMOR É ASSIM José Antonio Zechin

No amor é assim...  
O inesperado e o indefinido  
O alegre e o sofrido

Um precipício para saltar  
Um salão para dançar  
No amor é assim...  
Uma distância para andar  
Uma nuvem leve para voar  
Um mar infinito para olhar  
Uma montanha para alcançar  
No amor é assim...  
A certeza é uma dúvida  
Alguém sempre a buscar  
Alguém sempre a buscar  
Uma porta para sair  
Outra porta para entrar.

## OURO DAS SERRAS Cafés especiais projetam Carmo de Minas no mundo

### LELO BRITO

Ibraim Chaib de Sousa tem 68 anos. Neto de libaneses, dos quais herdou a giba nasal típica, é um homem forte e investido da autoridade sólida que assenta tão bem a maturidade em certos homens do campo. Desde menino, se acostumou à mitologia da cafeicultura de Carmo de Minas, no Sul do estado. “Vovô dizia que nosso café era bebido no Vaticano”, ele contou, na sede da Fazenda do Condado, uma aprazível quinta centenária ao abrigo de três picos agudos, no alto dos quais, como chapéus chineses, equilibram-se vistosas lavouras de cafés 100% arábica.

Localizada na Serra da Mantiqueira, Carmo de Minas e seus quase 15 mil habitantes se acostumaram a viver à sombra da fama de São Lourenço, estância hidromineral a menos de 10 km. Nem o renome do filho ilustre, o escritor Murilo Rubião, tirou a cidadezinha do anonimato. Mas, na manhã de 11 de setembro de 2001, enquanto o mundo assistia atônito à derrubada das Torres Gêmeas, em Nova York, uma discreta visita marcou o início da ascensão de Carmo de Minas no paladar cosmopolita. Especialistas em automação agrícola estavam ali para introduzir uma tecnologia essencial para a produção de cafés especiais: os beneficiadores, geringonças que cumprem três tarefas. Por vibração, separam as frutas da galharia e das folhas. Por decantação, selecionam os frutos mais e menos densos. E, por fricção, apartam os grãos de café da polpa da fruta.

“Por mais de um século nós cultivamos as safras para vendê-las como commodity”, disse Chaib. “A minha geração foi a quinta na família a trabalhar como o nosso patriarca, o barão de Alfenas”, acrescentou, orgulhoso do fundador da Fazenda do Condado. E não havia mesmo alternativas para os cafeicultores brasileiros até meados de 1990. Eles colhiam, secavam as frutas e as vendiam para atravessadores, nos portos, a preço definido pela Bolsa de Valores.

O mercado internacional de cafés especiais começou a se consolidar no final dos anos 1980, com a popularização da metodologia de avaliação de grãos da Specialty Coffee Association. A técnica classifica onze características sensoriais da bebida, como aroma, cor, sabor e corpo. O café pode receber até

100 pontos. Com 80, é considerado especial. As qualidades sensoriais revelam como os grãos foram torrados, de que espécie são e se a secagem foi harmônica. Nesse rigoroso universo, cada lote de café especial, para obter selo de origem e qualidade, tem que passar pela avaliação de três entidades certificadoras.

Em 1994, Chaib e trinta parceiros da Cooperativa Regional dos Cafeicultores do Vale do Rio Verde (Cocarive) fundaram a Associação dos Produtores de Café da Mantiqueira (Aprocam), para qualificar as safras da região. “Nós sabíamos que nossa topografia e microclima são ideais. Descobrimos o que fazer com isso e nos realinhamos com a cooperativa para sensibilizar os produtores sobre o mercado de especiais.”

Economicamente, foi uma revolução. Hoje, uma saca de 60 kg de café comum pode valer 550 reais, ao passo que a de especial vale mais que o dobro, com preço negociado diretamente com o cliente. Em 2006, Chico Isidorio, da Fazenda Santa Inês, vendeu 12 sacas por 178 mil reais – é o recordista do Carmo.

No final de janeiro, Chaib e seu filho Pedro receberam a piaui para um café na Fazenda do Condado. Em frente ao casarão amarelo com janelas e portas coloniais, residência da família apenas nos períodos de colheita, os dois vestiam a camiseta cinza de trabalho. A do pai tinha a marca da Cocarive e a do filho trazia o logotipo da JC Coffees, empresa da família que representa a cooperativa nos Estados Unidos. “Pena estarmos na entressafra”, lamentou Chaib, com as mãos na cintura. “De maio a setembro nós somos setenta trabalhando aqui, de seis da manhã às cinco da tarde”, acrescentou, fitando o pacote terreiro de secagem dos grãos, ladeado por sete máquinas de beneficiamento.

Na varanda, sobre a mesa rústica de madeira maciça havia uma garrafa térmica com café e um cestinho de bambu com pães de queijo caseiros. “Eu passo o café à mineira, em filtro de pano, sem malabarismo”, disse Chaib. Pedro ergueu a xícara: “O aroma é intenso, a textura achocolatada e o sabor adocicado.” O pai completou: “Cafés soalheiros, da face da montanha que recebe mais sol, têm esse sabor realçado. Eles absorvem mais açúcares naturais na maturação.”

Os 60 hectares de café dos Chaib produzem cerca de 2 mil sacas por ano, 60% delas especiais. Embora a bebida da família seja premiada – a safra de 2005 venceu a edição brasileira do Prêmio Ernesto Illy de Qualidade Sustentável de Café –, eles não pretendem se tornar fornecedores das gigantes do setor, como Starbucks e Nespresso. Preferem se relacionar com pequenos e médios torrefadores estrangeiros, mais próximos do comprador final. “É importante consumir o café especial logo após a torra, ou o corpo da bebida evanesce”, justificou Pedro. “Mas o negócio das cápsulas de café é como o das impressoras: a máquina é barata, mas a tinta, caríssima.”

O Brasil é o maior produtor mundial de café há mais de um século e meio. Estima-se que nos últimos anos a produção nacional de grãos especiais chegou a 15% da safra total, tornando-se também a maior do mundo. O salto teria sido de 5,2 milhões de sacas em 2015 para 9,4 milhões em 2018. Mas o país consome menos de 10% dos grãos premium que produz. No varejo nacional, meio quilo de café comum custa cerca de 10 reais, e do especial, em tomo de 40 reais. “No Brasil, o café premium ainda não entrou no circuito gourmet. Nos melhores restaurantes, nunca encontro um bom café de cortesia”, avaliou Chaib. “Há também o problema da mistura de milho e restos de casca, a palha melosa, no café comum nacional. Criam-se um produto e um menor preço falsos.”

Desde 2011, os cafés especiais do Carmo de Minas e de 24 cidades vizinhas correm o mundo sob o selo de origem Mantiqueira de Minas. Em 2018, 175 mil sacas de cafés especiais foram exportadas desde Carmo de Minas, para os Estados Unidos, a Europa e a Ásia, movimentando mais de 31 milhões de dólares, negociados principalmente pela CarmoCoffees e pela Cocarive.

Um imprevisto comercial encerrou a nossa conversa. Pedro foi convocado a acompanhar a classificação final de um lote de cafés cujo embarque fora antecipado. Chaib traduziu o quiproquó com filosofia. “Por cem anos nós carregamos o café, agora é ele que nos leva por aí.” Em frente à cooperativa, perguntei a Pedro se os cafés do Carmo são realmente bebidos no Vaticano. Com um sorriso largo, ele vaticinou: “Nosso representante na Itália está começando a visitar a freguesia.”

**CASA DAS MASSAS**  
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais  
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170  
**Fone 3465-1368**  
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

**ACM** ADRIANO - CHARLES - MAURICE  
CONTABILIDADE

(35) **3465-1635**  
**3465-4404**

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

**Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise**

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- **Teste do Pezinho ampliado**
- **Credenciamento com os Laboratórios:**  
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)  
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

**PORCELANA MONTE SIÃO**

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP  
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil  
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

**VISITE NOSSO MUSEU**

Nossos avós já compravam na

**Loja do Plácido**

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

**Rua Presidente Tancredo Neves, 194**  
**Fone: 3465-1144**

**ELETRÔNICA MONTE SIÃO**  
Everson Labegalini

Peças e Acessórios para  
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG  
Cel.: (035) 8404-5136